

APOSENTADORIA: ESTE É O PRIMEIRO DIA DO RESTO DE SUA VIDA¹

Regina Steffen

A aposentadoria se apresenta como o início de férias eternas. Trata-se de um tempo cheio de promessas de viagens, passeios, diversão, descanso merecido: *il dolce far niente*, enfim conquistado.

De fato, a vida daqui para a frente virá plena de nada para fazer, nenhuma obrigação, nada de horários, nem rotina rígida. É aí que mora o perigo! Do ócio ao tédio é um pulinho. A perda dos parâmetros que regulavam a vida até este momento pode deixar o sujeito sem referências. A perda da identidade profissional pode significar um não saber mais quem se é.

Essa face oculta da lua-de-mel do aposentado mostra que a aposentadoria vem acrescentar lenha na fogueira de uma crise que está em curso nessa etapa da vida de todo mundo. A grande crise desse momento da vida é a velhice.

A velhice é um fenômeno novo no mundo, fenômeno recente. A atual geração é a primeira a envelhecer em massa. Até a geração anterior, poucos atingiam essa marca e poucos viviam alguns anos mais.

Agora é diferente: chegados à velhice, teremos mais 30, 40 anos pela frente. É praticamente outra vida e não temos exemplos de como viver essa vida inteira que ganhamos. Teremos de inventar a velhice. Esse é um desafio que cabe à nossa geração. Seremos o exemplo, o modelo a guiar as gerações futuras. Para tanto, é preciso primeiro entender a crise que caracteriza esse momento.

AS 5 GRANDES CRISES DA VIDA HUMANA

- 1- Nascimento e primeira infância
- 2- Castração – a segunda infância
- 3- Adolescência
- 4- Maturidade
- 5- Velhice

O ser humano avança superando crises que a vida lhe apresenta, e isso desde o nascimento. Essas crises são vivências inconscientes e portanto não temos consciência de que as vivemos. Todavia, todos nós, sem exceção, passamos por

¹ Palestra proferida no III Módulo do PROGRAMA DE PREPARAÇÃO PARA APOSENTADORIA (PPA) da Secretaria de Saúde (áreas de psicologia e assistência social) do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região, em Campinas, em 13/11/2015.

cada uma delas ao longo da vida. No ápice de cada etapa, deparamo-nos com impasses que nos convocam a inventar um modo de ultrapassá-los para seguir vivendo.

O nascimento é o primeiro grande desafio que temos de enfrentar. Reparem que entramos no mundo chorando. Chorar nessa hora constitui uma reação natural à entrada do ar nos pulmões pela primeira vez, mas é também simbólico da entrada no mundo e do início de uma vida marcada por desconfortos (fome, sede, frio, calor, etc.) que não existiam na vida intrauterina. Nascer representa a primeira crise do ser humano porque ele tem de enfrentar todas as necessidades físicas sem contar com o auxílio dos instintos que garantem a sobrevivência, como é o caso de todos os outros animais.

Nascemos muito prematuros e dependemos totalmente de outra pessoa para sobreviver. Essa outra pessoa é a mãe, não obrigatoriamente a mãe biológica, mas a pessoa que cuida da criança, exercendo a função materna. Exercer a função materna implica adotar o filhote como filho que desse modo, deixa de ser uma simples cria, como no reino animal. A mãe humana, diferentemente da fêmea animal, não tem nenhum recurso instintual para saber ao certo o que oferecer ao filho quando ele chora manifestando um desconforto que precisa ser atendido. “O que será que o bebê quer? O que será que ele tem? É fome? Frio? Dor de barriga?”, ela se pergunta. Para responder, a mãe tem de interpretar o choro da criança. De um lado, temos o bebê incapacitado de sobreviver por conta própria, de outro, a mãe, igualmente desprovida de um saber certeiro sobre qual objeto resolveria aquela determinada demanda da criança.

O ser humano é um animal arrancado da natureza (expulso do paraíso, diz a Bíblia), que tem de enfrentar a vida com o recurso da fala. Ele tem de pedir para outra pessoa algo que aplaque seu desconforto, mas que ele não sabe ao certo o que é. O outro atende essa demanda, mas sem acertar em cheio, porque também ele não sabe ao certo o que a criança está pedindo.

Todavia, como a sobrevivência depende totalmente desse outro, a criança passa a creditar que sua mãe é super poderosa. O corpo da mãe conteria absolutamente tudo o que a criança precisa, acredita o filho. Seu desafio será, então, fazer o possível para ser merecedor desses dons da mãe. Para tanto, o filho vai tentar se encaixar, ao máximo, no que imagina ser o desejo de sua mãe. É desse modo, tentando desesperadamente satisfazer a mãe, adivinhando seu desejo, que todas as crianças tentam enfrentar a primeira crise da vida: nascer e manter-se vivo. Durante toda a primeira infância, esse é seu desafio maior: ser o que sua mãe diz que ele é, visando com isso colar no corpo materno, para garantir uma satisfação que dure para sempre.

Por volta dos 5 anos de idade tem início uma segunda grande crise, justamente porque todas as tentativas feitas ao longo desses 5 anos de vida não atingiram seu objetivo. Por mais que a mãe atenda aos pedidos do filho, sua resposta nunca é perfeita. A fome passa, mas um certo desconforto persiste. O mesmo se passa com todas as outras necessidades físicas, que embora suficientemente atendidas, sempre retornam. A criança percebe então que a mãe não lhe provém uma satisfação plena porque tampouco ela é completa. À mãe também falta a capacidade de manter um gozo pleno.

Se a mãe é incompleta, então a criança que se dedicou até agora a satisfazer o desejo dela corre o risco de desaparecer, caso continue tentando compor com a mãe um corpo único de satisfação. Até agora, integrar o corpo da mãe num todo único parecia um modo de participar da onipotência desse Outro. Diante da constatação da incompletude da mãe, unir-se ao corpo dela representa ser engolido. Se essa possibilidade imaginária se realizar, constituir-se-á a situação gravíssima que dará origem aos quadros que levarão à psicose. O louco vive nessa fusão absoluta com a mãe.

Há, porém, uma saída para essa crise. Ela é dada pela entrada do pai na cena, até aqui dominada pela mãe. Freud chamou de “castração” essa intervenção que o pai faz. Ele vem pôr ordem na casa e o faz como representante da lei que impede essa fusão entre a mãe e a criança. É por isso que se diz que ele castra. Ele corta esse cordão umbilical psíquico que se estabelece entre a mãe e o filho depois do nascimento.

A ação do pai é libertadora para ambos: mãe e filho. Ela, ao aceitar que finalmente o filho deixe de ser parte de seu corpo, volta a buscar no corpo do marido seu ponto de gozo. O filho, por sua vez, também se liberta do risco de sucumbir ao desejo da mãe e acaba por entender que o que lhe falta não está no poder dela lhe dar. A vida se abre para ele que de bebê chorão e pidão, passa agora a guiar-se por um desejo próprio que o encaminhará vida afora na busca de uma satisfação expressa através de diferentes formas. Aqui começa a segunda infância, momento no qual a criança vai para a escola, interessa-se por aprender, por brincar com as outras crianças, e sua vida floresce. Não é mais o desejo da mãe que comanda a criança. Agora, o desejo tornado seu abre-lhe um leque de possibilidades de satisfação. A virada decisiva que essa passagem produz é o fato de a criança aceitar perder a ilusão de atingir uma satisfação plenamente duradoura. Ela agora pode apreciar prazeres parciais, entendendo que eles constituem etapas em direção a uma conquista futura.

Claro que a experiência da castração é traumática, pois implica uma perda definitiva. Perda simbólica é verdade, porém perda de uma ilusão com a qual a criança contou até aqui, na qual acreditou e sem a qual experimenta um desamparo devastador. Ela acreditava na mãe todo-poderosa e se oferecia a ela, justamente porque acreditava que assim estava garantidamente protegida. É dessa ilusão que a criança abre mão agora, aceitando perdê-la para sempre. O significado da morte se estabelece para a criança no ápice da vivência de castração. Muitas vezes, esse é um período no qual a criança apresenta terror noturno e outros sintomas que tornam visível o drama inconsciente pelo qual ela está passando.

A solução perfeita dessa crise quase nunca é alcançada. Passar por essas vivências deixa marcas e enroscos que acabam postos de lado, sem maiores consequências naquele momento. Todavia, muitas vezes já é possível notar sua influência negativa em comportamentos infantis que vão desde a baixa resistência à frustração, o comportamento de birra, dificuldades de socialização, dificuldades no aprendizado, etc.

Na maioria dos casos, no entanto, tudo se acalma e a vida infantil segue sem grandes surpresas até a adolescência, quando a terceira crise tem início.

O adolescente tem de lidar com um mundo completamente novo. Seu corpo muda totalmente. Seus interesses mudam inteiramente. Nada mais é o mesmo. Essa espécie de fim de mundo, reatualiza a crise anterior, aquela dos 5 anos, na qual a criança também viveu o fim do mundo colado na mãe. As marcas daquela vivência, as cicatrizes que não estavam bem fechadas, voltam e podem tornar o período da adolescência muito complicado. Os pais também serão abandonados, não no sentido afetuoso, mas no sentido da independência que a vida comece a cobrar do jovem que cresce.

A crise da adolescência é a crise da autonomia que a vida exige e à qual o jovem responde, ou não, dependendo de como resolveu suas dificuldades anteriores. Tornar-se independente estará em relação direta com a história de sua dependência materna infantil e de como isso foi resolvido com a ajuda do pai.

Agora, o jovem tem de escolher uma profissão, uma parceria amorosa, um estilo de vida, e tudo isso guiado por seu desejo próprio, quer dizer, em nome próprio e não comandado pelo desejo dos pais.

A entrada na vida adulta apresenta novo período de crise: sair da casa dos pais, ou não? Casar, ou não? Ter filhos? A profissão que ele escolheu é a que ele deseja? São tantas as exigências que se o sujeito não estiver firmemente guiado por um desejo próprio, ele tenderá a se posicionar como criança chorona que culpa os outros por seus fracassos, acreditando ainda que o Outro todo poderoso detém sua felicidade. A questão agora se põe da seguinte forma: você deseja aquilo que você quer, ou seu querer responde ao desejo do Outro.

As questões que a vida adulta coloca são tão decisivas para o resto da vida do sujeito que, aqueles que arrastam muitos enroscos acumulados desenvolvem sintomas que podem travar sua vida. A maturidade é um momento de grande crise porque é chegada a hora de se tornar aquilo que até aqui foi uma promessa. O futuro do sujeito chegou e agora ele tem de bancar seus sonhos e projetos. Suas conquistas serão relativamente definitivas, e são elas que devem levar o sujeito a obter satisfação na vida.

O MOMENTO DA APOSENTADORIA: A VELHICE

Até a geração anterior à nossa, o desafio da vida praticamente acabava aqui. Ou o sujeito tinha vivido alguns bons anos desfrutando prazer na vida profissional, familiar, social, ou não, e então, esses anos tinham sido um martírio, um sofrimento, coroado por profundo sentimento de fracasso ao som de uma reclamação sem fim. Fosse como fosse, ao final desse período, com a aposentadoria justamente, era só questão de vestir o pijama e esperar a morte e, assim, o incômodo da vida teria acabado.

Já hoje em dia, mais outra vida nos aguarda ao final da idade adulta. A velhice se abre com um longo período pela frente.

Como viver esse período novo? Como superar a crise que essa passagem descortina? Qual o protocolo da velhice?

Como nos demais momentos de passagem, este também é um tempo de perdas. Além dos cabelos e dos glúteos rígidos, perdemos a configuração da família com a qual estávamos habituados por tantos anos, e sobretudo a função que tínhamos na família enquanto criávamos os filhos. Finalmente, perdemos nossa identidade profissional, e com isso a aposentadoria se torna um emblema da entrada na velhice. Como agora reinventar a vida? Não há exemplos disso no mundo. Os poucos velhos que conhecemos não se propuseram a seguir vivendo. Restavam-lhes tão pouco tempo que não merecia nenhum esforço. Tudo o que conhecemos da velhice é esse tempo morto à espera da morte. Temos de inventar não só uma vida nova, como também uma categoria nova de sujeito: o velho, o legítimo personagem dessa etapa da vida. Não um zumbi em fim de carreira, mas um sujeito de pleno direito, que vive a vida específica dessa fase. Um sujeito que, também ele, tem um futuro.

FELICIDADE: UMA EXIGÊNCIA DO MUNDO ATUAL

O que a contemporaneidade tem oferecido ao velho é muitas vezes desalentador.

O mundo atual é cruel com todos, não só com os mais idosos. Sua maior crueldade reside na insistência, na cobrança, na obrigação de ser feliz. Somos todos obrigados a ser felizes. A felicidade deixou de ser uma possibilidade para se tornar uma exigência do mundo atual. Trata-se de uma exigência sem limites: a gente tem de ser feliz e esse estado tem de ser eterno, senão é preciso tomar remédio, dizem. Chegamos a um ponto tal, que momentos tristes são considerados doença, e todos correm a querer curar isso. Ora, a tristeza é ingrediente fundamental para a vida avançar. Ela é sinal de uma perda, é verdade, mas é através da tristeza que as perdas se elaboram e que novos horizontes se descortinam.

O mundo não admite mais a saudável tristeza, sinal de um trabalho de luto em curso, através do qual o sujeito elabora a perda, o fim de alguma situação, a frustração, a decepção, que são inevitáveis na vida. Através desse trabalho de luto, aquilo que se perdeu vai aos poucos dando lugar a algo novo que impulsionará de novo a vida.

Hoje não se pode mais vivenciar nenhum desses sentimentos. Eles são todos considerados negativos e doentios. É evidente que podem, sim, ser doentios, mas não na proporção em que atualmente são considerados. Há multidões vivendo à base de antidepressivos. Ninguém mais pode se ressentir de nada, e sem poder se ressentir da dor, do desaponto, aí sim é que se adoece. Aí sim a tristeza da vida vira depressão doentia, que mina o ânimo de viver e por vezes não deixa o sujeito nem sequer levantar da cama.

Reparam que esse imperativo de gozo da contemporaneidade se aplica a todos. As crianças não podem experienciar nenhuma frustração. Os pais não se atrevem a lhes negar nada e inclusive se antecipam oferecendo o que elas nem sabiam que poderiam desejar. A vida dos adultos com filhos se sobrechargea. Os pais acabam comandados por crianças tiranas. O resultado são pais infelizes, esgotados e filhos profundamente insatisfeitos, desinteressados de tudo.

Dos adolescentes também não se espera menos que uma vida de gozo absoluto. Eles têm de viver numa balada sem fim, ao custo igualmente de um tédio e um desinteresse por tudo o que exige esforço, renúncia, enfim, etapas para a realização de um projeto de futuro.

Os pais sustentam essa vida dos filhos adolescentes do mesmo modo que fizeram com eles quando eram crianças. Reclamam, mas no fundo, esperam que o filho realize seu sonho de uma adolescência sem fim.

O adulto igualmente é cobrado pelo mundo atual a dar provas de uma felicidade que não ousa acabar. Tudo o que representa obrigação, responsabilidade, perde para ele a importância e se torna estorvo no caminho para ser feliz. Mas, o adulto inventou uma desculpa, um álibi, para si e para os outros: a vida corrida, o trabalho extenuante, os filhos, o casamento, os pais idosos, tudo serve de justificativa para ele se explicar com o mundo por não ter atendido ao imperativo da felicidade suprema. Se ele não é feliz como deveria, é porque o mundo não permite, o mundo se tornou um empecilho.

Aí então chega a aposentadoria, período que normalmente coincide com os filhos já adultos e com uma vida já menos agitada. Isso significa que o sujeito ao atingir essa etapa da vida tem mais obrigação do que qualquer outro de atingir aquela felicidade sem fim e impossível. Ele agora não tem mais desculpas. É nisso que o mundo atual se torna mais cruel com a velhice do que com as demais etapas da vida. Do velho se espera o mesmo que se espera das crianças. E pior, oferecem-se ao velho as mesmas coisas que às crianças: bailinho, cantorias, dancinhas, enfim, atividades infantis, e ai daquele que se recusar a aderir: remédio nele!

Tal exigência de gozar a vida no limite do ridículo constitui verdadeiro desrespeito à velhice, e conta, por incrível que pareça, com o apoio de grande número de idosos que se deixam sequestrar por esse imperativo de gozo.

Convocado a viver em férias sem fim, o aposentado está, na verdade, desautorizado de viver. A vida não é feita só de festa. Esse é o caminho mais rápido para o tédio, o desânimo, a depressão – esta sim, verdadeira e patológica.

É como se o mundo dissesse àquele que se aposenta: trate de ser agora o emblema de um gozo perene. Todos nós precisamos ver você dançando e viajando sem parar, para acreditarmos que essa felicidade é possível.

Ao velho a vida tem sido negada, tendo ele que se transformar numa vitrine, na prova viva de um gozo impossível. É como se ele não pudesse ter futuro. Isso lhe rouba o horizonte e lhe impede de sonhar. Sem sonho a vida para.

DE QUE SÃO FEITOS NOSSOS SONHOS?

A matéria-prima de nossos sonhos é o desejo. Desejo não é simples vontade disso ou daquilo. Desejo é impulso, motivação, mas principalmente, impulso para alcançar algo que está no futuro, no horizonte, algo cujo encontro é sempre adiado. O desejo garante movimento à vida, porque a cada passo que damos, o horizonte também avança um passo, convidando a uma nova investida.

O desejo, ao criar esse futuro prometido, arranca-nos de um presente paralisante, tornando suportáveis todas as frustrações e decepções, mantendo o sujeito sempre motivado a seguir adiante. Das próprias conquistas, o desejo não exige um prazer absoluto, completo. Cada pequena conquista constitui etapa para o projeto futuro. Na óptica do desejo, cada passo é um ganho e não uma decepção.

O desejo se apoia na aceitação da falta de uma plenitude de satisfação. Só quando aceitamos adiar a satisfação plena, passamos a desejar. Só se deseja aquilo que não se tem, aquilo que falta. A falta, a perda de completude é fundamental para constituir o desejo.

A exigência dos tempos atuais de felicidade plena vai na direção oposta à do desejo. E é na última etapa da vida que essa exigência mais se acirra. É como se todos dissessem: tentamos cumprir esse mandamento de todas as maneiras. Não conseguimos. Cabe a você, aposentado, realizar isso.

Sequestrado por esse imperativo, o sujeito abre mão do desejo, aposentando-se da vida, e não apenas do trabalho.

Cabe àquele que chegou à velhice, o desafio de inventar essa nova etapa de sua vida, sem sucumbir ao apelo de gozo. O momento é de crise, como todas as anteriores que o sujeito já superou. Assimilar as perdas aí implicadas, elaborá-las e transformá-las em desejo, é o caminho para a vida seguir sempre adiante.

Desejar é a única saída dos impasses que a vida nos apresenta, agora e sempre.

Campinas, novembro/2015.